

Data
11.03.84Jornal
O DiárioAssunto: Diversos
Recessão não se combate com um remédio só: Luiz Biagi propõe 10

Recessão não se combate com um remédio só: Luiz Biagi propõe 10

Jarbas Cunha

Recessão é um mal que não pode ser combatido com um remédio só. Por assim pensar o empresário Luiz Lacerda Biagi (vice-presidente executivo da Zanini), mesmo alertando que a atual recessão "vai continuar e vai se agravar porque o modelo econômico vigente é totalmente inadequado, dividido como está em 3 segmentos (monopólios, cartéis e um grupo de empresas pequenas vivendo a economia de mercado)", sugere 10 medidas. Lembra, também, que "uma grande parte da elite brasileira não faz nada para mudar porque está sendo beneficiada pelas distorções desse modelo econômico".

Suas sugestões para inverter o processo recessivo são as seguintes: "1.º - Eliminar todo tipo de título de renda pública (ORTN, INPC, etc.); 2.º - Brefixar os juros bancários em 36 por cento ao ano, sem mais despesas; 3.º - Extinguir o CIP, que só serve para estimular os aumentos, deixando o mercado seguir a lei da oferta e procura; 4.º - Proibir importações, abrindo o mercado para quem quiser produzir no Brasil, dentro da premissa de que tudo que for produzido no Brasil é brasileiro; 5.º - Eliminação de toda e qualquer reserva de mercado; 6.º) Eliminação de confiscos na exportação; 7.º - Eliminação de subsídios, com exceção da agricultura, porque o perfil do empresário rural não muda e não cria picaretagem como no resto da economia; 8.º - Renegociação da dívida externa com prazo de 30 anos para pagar, sendo 10 de carência, a juros fixos de 6% ao ano; 9.º - Privatização da economia (a Vasp, por exemplo, deveria

do, etc.) devem ser impedidos de se candidatarem. Já que se candidataram e se elegeram governadores devem cumprir seus compromissos com o povo até o fim. Se algum deles pensava em ser presidente deveria, como tantos outros, ter aguardado a sua vez".

Segundo Biagi "a eleição direta - além de ser uma aspiração geral - legítima a falta de representatividade do atual colégio eleitoral que hoje não representa a vontade do povo. Se o Colégio Eleitoral fosse realmente representativo a eleição poderia ser indireta que redundaria na mesma coisa: todos falam no fenômeno Alfonsin na Argentina e, no entanto, lá a eleição foi direta".

Ressalta o entrevistado que a sua postulação "é pela tese e não por candidatos. Só excluo desse processo os empresários, porque acho que eles não devem se meter em política. Empresário deve cuidar de sua empresa ou vendê-la, não tendo isenção para se envolver em política".

Aureliano, Luiz Biagi vê, dentro do atual contexto "como um dos candidatos e no processo de eleições diretas, por certo, aparecerão outros. Inclusive acho que o candidato apoiado pela classe empresarial teria poucas chances de ser eleito, pois existe hoje um clima de antagonismo entre a classe patronal e a dos trabalhadores. Eu, por exemplo, acho que o presidente João Figueiredo, tendo sido o executor dessa política, poderia muito bem eleger o candidato por ele indicado num pleito direto."

UMA FALSA
ANSIEDADE

tos do trabalho ficam na própria comunidade, sem exceção: no comércio, nas outras indústrias, na arrecadação municipal. Com dinheiro circulando todo mundo fica inteligente. Sem dinheiro todo mundo fica burro. Não é por isso que todos falam que o governo não presta?"

Também preconiza Biagi o entendimento entre o governo, a indústria automobilística e os produtores

de álcool no sentido de se definir, por um prazo de 10 anos, o perfil da demanda. "As partes: - pondera - agiriam em conjunto para a produção apenas de veículos movidos a álcool no mercado nacional. Os carros a gasolina seriam para exportação, utilizando as vantagens do BEFLEX, a exemplo da Zanini, que também tem planos para exportar US\$ 200 milhões de dólares nos próximos anos".

fixos de 6% ao ano; 9.o — Privatização da economia (a Vasp, por exemplo, deveria ser incorporada à Varig ou Transbrasil, pois dá um prejuízo mensal ao estado de Cr\$ 3,5 bilhões e mantê-la, apenas por ser do Estado, é um falso nacionalismo. A desvantagem de citar nomes é que cria antagonismo e deprecia a tese. O importante é a tese: fechar o que é deficitário. E só cito a Vasp porque é nossa. Poderia também citar o Bosque Municipal — sem culpar o atual ou os prefeitos anteriores — que poderia, privatizado, ser transformado numa grande atração turística); 10.o — Definir um perfil de produção e consumo de energia no país, englobando todos os itens como petróleo, energia elétrica, álcool, carvão, etc.”

Depois de mencionar esses itens todos, Biagi pondera: “É lógico que esse conjunto de medidas poderá ter conseqüências graves em alguns setores. É o preço que se deve pagar, pois é quase impossível vencer uma guerra sem perder nenhuma batalha”.

AURELIANO: SEM COMPROMISSO

Luiz Biagi deixa claro que não há um envolvimento do grupo Biagi com a candidatura de Aureliano Chaves, como poderia fazer crer sua presença, mais a de Maurilinho e assessores na programação aqui cumprida pelo vice-presidente da República.

“Nossa postura não é com relação a candidatos e sim a eleições, advogando a tese de que elas devam ser diretas. Minha opinião pessoal é que devem ser diretas e que os atuais governadores (Montoro Brizola, Tancre-

UMA FALSA ANSIEDADE

“Cria-se — prossegue Luiz — uma falsa ansiedade em torno de nomes, quando em torno de nomes, quando a simples colocação de nomes não resolve: nós é que temos de resolver os nossos problemas. Não há superhomens e nem remédios miraculosos. Há sempre um resquício de paternidade dentro de nós: o município espera do Estado, o Estado espera da União e o governo federal do FMI”.

Para ele, há uma bandeira básica a ser defendida, bem acima de eventuais nomes: a reforma tributária. “Se a Prefeitura tem verba — argumenta — logo terá poderes e resolverá melhor seus problemas. A concentração de recursos em Brasília leva o país para o caos na busca de realizar projetos inexecutáveis. A expressão custo-benefício não existe no Brasil em decorrência dessa postura de centralização de poder. Se eu fosse fazer uma plataforma de governo me dedicaria a 3 pontos: educação, planejamento familiar e reforma tributária para distribuir melhor os recursos do povo em seu próprio benefício”.

ENTENDIMENTO NECESSÁRIO

Luiz Biagi é partidário do entendimento em qualquer nível, acreditando que quando todos estão juntos numa mesma embarcação devem se unir para evitar o seu naufrágio. “É preciso que se forme a convicção de que não existe patrão e empregado: o que existe é um grupo de pessoas que deve ter o mesmo interesse de manter aquela atividade funcionando porque todos se beneficiam dela. Os fru-

